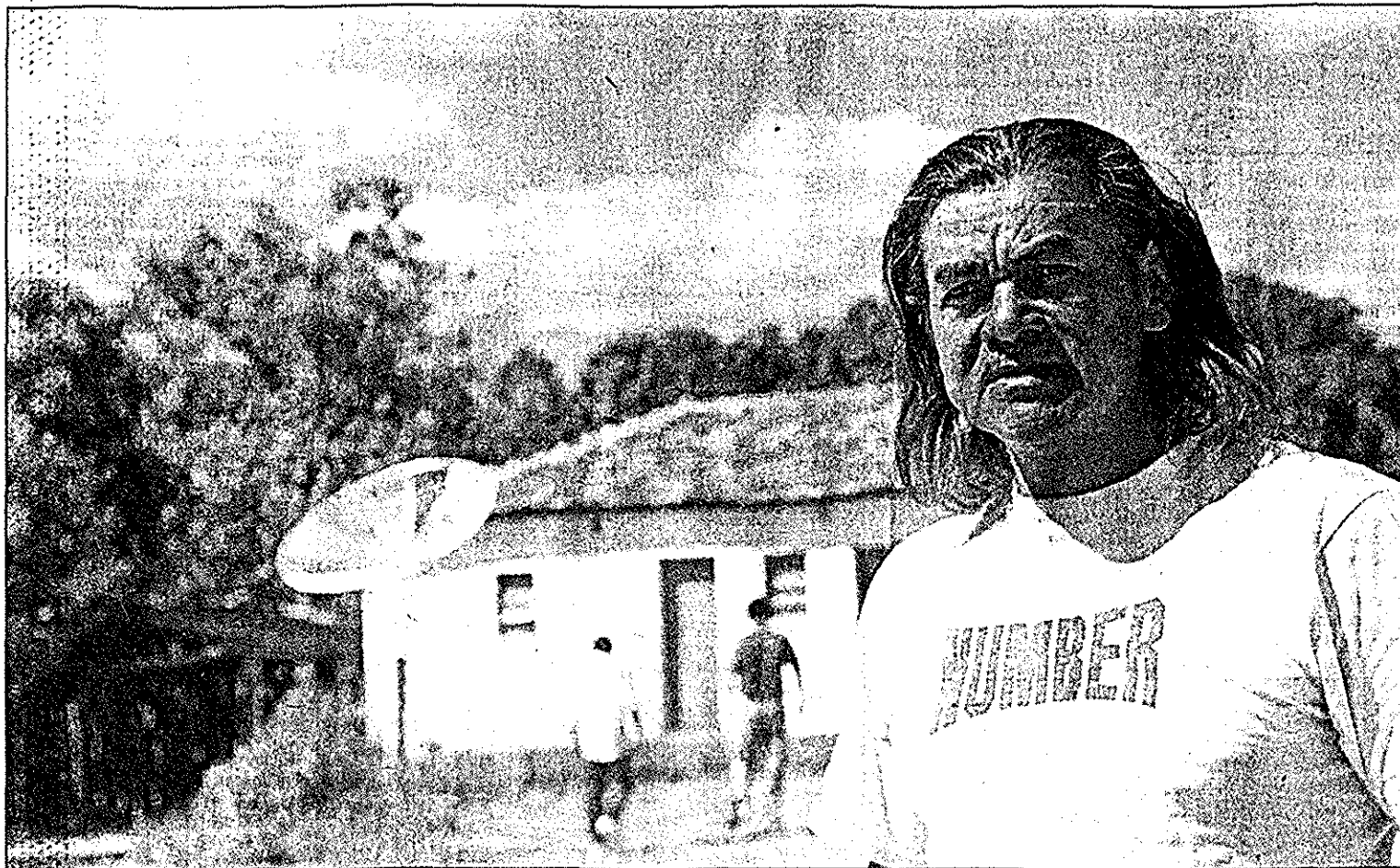


# Índios entram no clima eleitoral

Três candidatos disputam votos na reserva dos Xacriabá, na região de Itacarambi, Noroeste de Minas

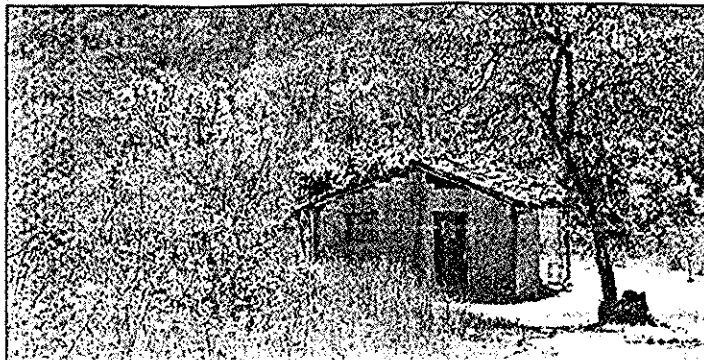


FOTOS VERA GOODY

MARÍLIA DAMASCENO  
REPÓRTER

**A** qualidade de vida dos índios do Noroeste de Minas está prestes a mudar. Depois da emancipação de Missões, distrito de Ibaúnga, o cacique dos Xacriabá poderá se eleger vice-prefeito de São João das Missões, nome dado ao novo município. Além disto, outros indígenas poderão se candidatar a vereadores, pois 50% dos 3.954 eleitores são ou descendem dos índios.

Cerca de 6.200 índios Xacriabá vivem na reserva da Funai na região de Itacarambi, a 815 quilômetros de Belo Horizonte. São 1.100 famílias distribuídas em 46.414,92 hectares de terra, onde predominam as matas de transição entre o cerrado e a caatinga. O clima é semi-árido, com chuvas irregulares. A paisagem é desoladora. A água é escassa. É preciso buscá-la a quilômetros de distância. A fome é comum em algumas das 22 aldeias da reserva. Poucas têm luz elétrica; a estrada é intransitável, o transporte precário. O atendimento médico foi suspenso para dar lugar a projetos que ainda não foram definidos; as escolas que funcionam são miseráveis e é difícil encontrar professores dispostos a enfrentar as dificuldades.



**PARA SER** candidato a vice-prefeito de São João das Missões, o cacique Rodrigo teve que deixar a aldeia. Os Xacriabá vivem na mais absoluta miséria e ele não promete muito

LUX JORNAL

O ESTADO DE MINAS  
BELO HORIZONTE - MG

PUBLICADO EM:  
25 JUN 1996

VIRG-VERSO

272 190 265 4

## Falta de trabalho alimenta o êxodo

A paisagem desoladora da reserva Xacriabá faz par com a miséria da maioria do povo que vive ali. A mata e os rios são secos e os casebres se confundem com eles. O contraste fica por conta de duas antenas parabólicas próximas do posto da Funai. Uma delas serve à casa do chefe da Funai. Outra leva uma imagem perfeita à televisão colorida da residência do cacique Manoel Gomes de Oliveira, o Rodrigo.

Próximo ao posto é também possível ver bovinos sendo transportados por índios fortes. Um córrego permanente garante o verde da vegetação e o florescimento de árvores frutíferas. Uma caixa d'água derrama o precioso líquido. A escola, com duas salas de aula, tem merenda e crianças sorridentes. No dia em que a reportagem do ESTADO DE MINAS visitou o posto, um monitor substituiu uma das duas professoras. O posto médico, apesar de não ter recursos humanos, também fica nesta área e tem o apoio de uma ambulância.

A poucos quilômetros dali, Maria de Fátima Caetano de Souza, 15 anos, faz seus deveres de escola numa mesa rústica e conta que comeu no almoço arroz, feijão e abóbora. Não existe porta no casebre de três cômodos onde mora com mais nove pessoas. O chão de terra batida é bem varrido. Uma prateleira guarda algumas panelas. No quarto, duas camas servem de esconderijo para duas crianças se esconderem das visitas. Com um sorriso tímido, Maria de Fátima conta com docura que gosta de estudar.

mas vai ter de sair da aldeia para conseguir realizar o seu sonho.

Apesar de negado pela Funai, o êxodo existe e é lastimado pelos índios, sejam eles caciques ou um simples membro da reserva. É Rodrigo quem conta: "O Xacriabá gosta de trabalhar e aqui não tem como. Sai muita gente por conta disto. Só da região, este ano, já saíram aproximadamente 80 pessoas". Os índios costumam sair da aldeia com destino ao Triângulo Mineiro, São Paulo e Mato Grosso". Esse número é contestado pelo padre Pedro Mettler, missionário ligado ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi). "Acredito que em 1995 foram embora mais de 500 índios", avisa.

### Tradição é segredo

O medo fez com que a língua, os costumes e os rituais ficassem esquecidos. Durante décadas eram proibidas as manifestações culturais. Hoje, a nação Xacriabá esconde as tradições, que conhece de ouvir os mais velhos contarem.

Segundo Rodrigo, a tradição só é mantida quando morre um índio. Nessas ocasiões, há a dança do *toré* (que não explicam o que é), canto e é distribuída uma bebida típica, o *cozinhado de Jurema*. "É quando os índios têm contato com o encanto, com a natureza, para descobrir os elementos inimigos. O alma do morto vai ajudar neste trabalho", explica Rodrigo. O ritual dura 30 dias, se o morto for um adulto, e 15 dias, se for criança. (MD)

### Disputa

No entanto, em época de eleições, como agora, os moradores do lugar se transformaram em objeto de disputa de três candidatos a prefeito de São João das Missões: Euliton Ferreira Mota, João Pereira da Silva (o Zé Biriba) e Ivan de Souza Correia. O cacique xacriabá Manoel Gomes de Oliveira - o Rodrigo - deverá ser o vice de Ivan, do PDT. No último pleito, Rodrigo foi eleito vereador de Itatinga com 498 votos "de índios de alguns brancos".

Em Missões, a população promete escolher aquele que mais trabalha. Alguns garantem que não votam em índio, outros só votam em partido que tiver índio. Ivan de Souza Correia explica que os índios exigiram que o candidato a vice-prefeito saísse da aldeia.

### Sem proposta

Nenhum candidato a prefeito de São João das Missões tem uma proposta de administração. Dois candidatos abordados falaram em água, luz, saúde, escola e estrada. O cacique Rodrigo afirma que zona rural é esquecida e que não se faz nada para os índios. Paralelo, a maior dificuldade é que a reserva está no município de Itacarambi, onde o atual prefeito, Jos Ferreira de Paula (PFL), foi posseiro e não reconhece o povo Xacriabá como índio. Outro problema de que Rodrigo tem consciência é a falta de transporte escolar. Em relação à saúde de seu povo, ele confia na viabilidade de um convênio que foi firmado entre a Escola de Medicina de Uberaba, o Fundo Nacional da Saúde (FNS) e a Funai. Apesar de saber que a água está diminuindo a cada ano e é importante para a sobrevivência do seu povo, Rodrigo não apresenta qualquer solução para o problema.

## Educação e saúde são precárias

Os índios Xacriabá se dividem quando devem apontar qual o problema maior da reserva. Alguns acreditam que a falta de água pode se agravar a cada ano e que a solução é furar poços artesianos. Outros acreditam que a saúde vem em primeiro lugar e os jovens pedem escolas e transporte escolar.

Na sapiência dos seus 66 anos, Joana Bispo de Souza diz que a escola não está funcionando há mais de quatro meses, sem professora. "As que vêm, ficam quatro ou cinco meses e vão embora", explica. Ela conta que as estradas são tão ruins, que nem mesmo a ambulância da Funai chega lá. O filho do cacique, Edir Rodrigues de Oliveira, também reclama das estradas e do transporte. Como o horário do ônibus não coincide com o das aulas, foi obrigado a deixar os estudos. O cacique Rodrigo afirma que os professores de fora nunca têm interesse com a comunidade indígena. "Mais faltam que prestam serviço e as crianças vivem repetindo", denuncia.

### Compasso de espera

Para Rosênio Gomes de Oliveira, 76 anos, o problema maior é a assistência médica. O cacique Rodrigo explica que, até pouco tempo atrás, seu povo era atendido por um médico de Manga, que ia à aldeia todas as quartas-feiras. Em fax enviado ao ESTADO DE MINAS, a Funai garante que esta assistência será substituída pela de estudantes que fazem parte do convênio da Escola de Medicina de Uberaba, "com grandes perspectivas de ser assinado ainda este mês". O posto da Funai na reserva Xacriabá tem um hospital equipado, construído há quatro anos e fechado por falta de recursos humanos. O chefe da Funai e atendente de saúde, Antônio Rodrigues de Souza, disse que estão esperando os médicos residentes, a assistente social e os odontólogos, que devem chegar em agosto. (MD)